

A DIFICULDADE DE POUPAR

Rogéria Aparecida Machado¹, Friedhilde Maria Kustner Manolescu²

¹Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas – FCSA – Universidade do Vale do Paraíba, Av: Shishima Hifumi, 2911 – Urbanova – 12.244-000 - São José dos Campos – SP – Brasil, rogeriamachado@iq.com.br

²Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento – IP&D, Universidade do Vale do Paraíba, Av: Shishima Hifumi, 2911 – Urbanova – 12.244-000 - São José dos Campos – SP – Brasil, frida@univap.br

Resumo- As pessoas estariam propensas a poupar maiores parcelas de suas rendas para acumular riquezas, financeiras e reais, destinadas por precaução a suportar suas necessidades futuras, ao longo de seu ciclo de vida; no final deste ciclo, os dispêndios tendem a superar a renda corrente, principalmente as que se limitam ao recebimento de transferências previdenciárias. Os dispêndios de consumo não são função apenas da renda disponível corrente, mas das expectativas de renda permanente. O consumo pode antecipar-se a renda, notadamente nos casos em que os níveis acumulados de riqueza humana se destaquem como uma espécie de garantia de fluxos de renda ao longo de sucessivos períodos futuros. Além da renda disponível corrente, as diferentes formas de riqueza, humana e materiais, financeiras e reais, de que as unidades familiares são dotadas, afetam também seus dispêndios de consumo e seus níveis de poupança. O patrimônio das pessoas, expresso sob a forma de capital humano e de outras formas de riqueza, afeta os padrões correntes de consumo. O brasileiro, é um dos povos que menos poupam voluntariamente para a velhice, que menos fazem cálculos das necessidades futuras.

Palavras-chave: Poupança, Dificuldade de poupar, Falta de renda para poupar

Área do Conhecimento: VI - Ciências Sociais Aplicadas

1 - Introdução

A poupança, é a parcela da renda não consumida pela comunidade na satisfação de suas necessidades imediatas; fundamentalmente, é o excesso da renda global em relação ao consumo agregado da coletividade. De outro lado, o investimento pode ser definido como o acréscimo ao capital real da sociedade; como a poupança, ele resulta de uma abstenção do consumo imediato em relação à renda gerada no período.

Como se infere das equações definidas, o investimento é estruturado igual à poupança. Esses dois elementos são apenas aspectos diferentes de uma mesma realidade. Embora a poupança resulte do comportamento coletivo dos consumidores individuais e o investimento resulte do comportamento coletivo dos empresários e do Governo, os dois montantes são estruturalmente iguais, visto que qualquer um deles é igual ao excedente da renda sobre o consumo. O processo de acumulação de capital nada mais é do que o próprio processo de investimento, se realiza a partir da abstenção do consumo imediato, pois é através do esforço de poupança que as sociedades podem expandir suas disponibilidades de bens de capital. O investimento resulta da parcela da produção corrente não consumida e, tendo em conta que esta parcela é possibilitada pela poupança agregada, o esforço de acumulação

representa um diferente aspecto do esforço da poupança.

Isso não obstante, nenhum mecanismo pode garantir que o montante da poupança praticada sempre se iguale, automática e continuamente, ao valor dos investimentos realizados. Os economistas clássicos acreditavam que as flutuações da taxa de juros seriam capazes de garantir o ajustamento automático entre esses dois elementos. Todavia, enquanto a poupança revela significativa estabilidade, só perturbada em ocasiões anormais ou então modificada pela ação dos seus vários determinantes, o investimento caracteriza-se por sua instabilidade e por sérias flutuações, na maior parte dos casos imprevisíveis e inevitáveis. Além disso, os fatores determinantes da poupança ou, mais especificamente, da propensão a poupar, não são os mesmos do investimento. O nível da poupança é determinado fundamentalmente pelo nível da renda, enquanto o investimento, depende de fatores dinâmicos, inter-relacionados com o próprio crescimento do sistema, como a expectativa de lucros, o avanço tecnológico, o crescimento populacional, a expansão do mercado, a política governamental, a evolução do comércio exterior, a descoberta de novos produtos e até mesmo a estabilidade política da nação.

Quando a poupança e o investimento se igualam, realiza-se uma das pré-condições para a manutenção do equilíbrio da renda e do emprego. Com excesso ou insuficiência de poupança, em

reação ao investimento, o nível global da atividade tende à instabilidade, expandindo-se ou contraindo-se.

A trajetória constantemente ascendente da curva da poupança faz com que ela corte a curva do investimento num ponto determinado. Este ponto, corresponde exatamente ao nível de equilíbrio da renda e do emprego.

2 - Brasileiro Poupa Pouco e quer parar cedo

Segundo estudo elaborado pela Universidade de Oxford e encomendado pelo banco HSBC ao Harris Institute, o Brasil está longe de se preocupar com o seu futuro, pelo menos em termos atuais para a velhice. O levantamento ouviu 20 mil pessoas e 6.000 empresários no mundo.

Só 24% dos brasileiros disseram já ter poupado ou poupar hoje com o propósito de não fazer nada amanhã. Os indianos (31%), mexicanos (34%) e principalmente os americanos (66%) se mostraram mais previdentes.

A maioria dos brasileiros (52%) quer "relaxar e descansar" quando ficar mais velha. Isso com muito prazer. Os brasileiros estão no topo da pesquisa entre os que querem uma vida sexual mais ativa na aposentadoria: 66%.

Em grande parte dos outros países, o que se almeja é uma aposentadoria mais tardia e conciliada com outras atividades e interesses, além do sexo. No Brasil, a maioria (51%) não se mostra interessada em se envolver com algum novo tipo de trabalho.

Para o ex-presidente do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) Sérgio Besserman Vianna, os resultados da comparação com outros 19 países são "preocupantes". "Mas não são de todo surpreendentes."

Vianna acredita que, por ter vivido durante muitos anos em uma economia inflacionária e completamente instável, é difícil para o brasileiro hoje em vias de se aposentar ter pensado em poupança na vida.

"Naquele contexto, até o Plano Real (1994), poupar era quase um ato irracional."

As estatísticas sociais brasileiras também mostram uma enorme diferença entre o sonho e a realidade. Mesmo sem querer, os idosos no Brasil acabam trabalhando por muito tempo na velhice para se sustentar, afirma Vianna.

O economista Eduardo Giannetti lê nos resultados da pesquisa uma espécie de síntese das "deformações na psicologia temporal" dos brasileiros.

Segundo ele, o rescaldo do passado indígena e "afro-escravo" ("os escravos não eram donos nem de seus próprios corpos") no Brasil seria responsável por uma "espantosa extravagância"

nos gastos e pela forte "ansiedade pelo consumo imediato".

Como exemplo, Giannetti cita os juros do crediário no Brasil, amplamente utilizado pelas classes mais pobres.

"Embora não poupem para a velhice, os brasileiros entregam às lojas uma geladeira em juros na ânsia de comprar já o seu refrigerador. É o absurdo de comprometer o futuro para desfrutar o presente".

Na natureza, um dos exemplos mais surpreendentes de previdência é o de alguns roedores. Hamsters e esquilos de 100g de peso chegam a acumular 25 quilos de alimentos na toca, que jamais serão comidos.

Uma quase-extinção pela fome seria uma explicação plausível para a neurose desses bichos.

Para o economista Fábio Giambiagi, do Ipea (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, vinculado ao Ministério do Planejamento), além de não se precaver sozinho para o futuro, o brasileiro é também "ingrato" com relação ao seu sistema previdenciário.

"O que se exige dos brasileiros para que tenham direito a algum benefício público são, em média, 12,5 anos de contribuição, contra 25 a 30 anos lá fora", diz. "É fácil pichar a Previdência, mas ela é uma "grande mãe" no Brasil."

O motivo principal que leva as pessoas a adiarem o início da poupança é a falta de autocontrole. Mesmo conscientes de que precisam economizar, elas simplesmente não conseguem.

3 - Por que é tão Difícil Poupar?

Há certos fatores psicológicos envolvidos; ausência de força de vontade, procrastinação e inércia. Por fim, também há dificuldades em definir o nível exato de poupança para cada um. Até para quem tem certa educação financeira essa não é uma tarefa fácil. Imagine para o cidadão comum. No que diz respeito à aposentadoria, há mais um item que concorre para postergar o início da poupança: inconscientemente, as pessoas tendem a dar um peso maior a supostas perdas imediatas do que à perspectiva de ganhos futuros. O corte no consumo imediato explica a relutância em começar a poupar no presente.

Para os americanos foi desenvolvido um plano de aposentadoria que foi aplicado em algumas empresas (o plano é conhecido como Save More Tomorrow, SMT). Nele usamos psicologia para contornar essas características.

Contornar os fatores psicológicos que adiam a poupança e fazer com a pessoa se comprometa hoje a poupar mais no futuro. Como? Bom, ela assume com seu empregador o compromisso de que, a cada aumento de salário, aumentará proporcionalmente sua contribuição ao plano de

aposentadoria da empresa. O valor é descontado direto do contracheque. Esse comportamento continua até que o funcionário peça para parar ou até atingir o teto. Consegue com isso contornar a sensação de perda imediata, já que o saque é feito direto do contracheque antes de ser incorporado ao consumo diário. É possível se beneficiar também da inércia, porque a maioria das pessoas se dá ao trabalho de pedir ao gestor de RH que cancele os aumentos automáticos de contribuição.

Na primeira companhia que aplicou nossa teoria, a média do nível de poupança no SMT aumentou de 3,5% para 11,6% ao fim de 28 meses.

Tudo o que eles precisam fazer para ficar fora do plano é pedir que não sejam incluídos. Nas companhias em que a inclusão era automática, houve muito pouca reclamação. As pessoas se sentiam, aparentemente, felizes de ter alguém que se preocupasse com isso por elas. Menos de 2% dos funcionários decidiu deixar o plano. De novo o conceito de inércia ajudava a manter o nível de poupança.

Nos Estados Unidos, atualmente, a maioria dos planos de pensão segue o modelo de contribuição definida, no qual o funcionário decide quanto poupar. Minhas pesquisas mostram que as pessoas não estão poupando o suficiente para garantir sua aposentadoria. Foi aí que entramos com a idéia de desenvolver um plano que as ajudasse a poupar mais.

É preciso educação financeira. As pessoas devem ser capazes de usar um pouco de matemática e calcular o quanto vão precisar na aposentadoria ou, em contrapartida, o quanto pobre se tornarão ao parar de trabalhar. Assim, você consegue assusta-los e abrir seus olhos para essa necessidade.

Nos Estados Unidos as classes médias e altas são as mais preocupadas com o assunto porque já têm algum nível de sofisticação no que diz respeito ao cuidado das finanças pessoais. A verdade é que, quanto menos dinheiro se tem, menos se está atento à necessidade de poupar no longo prazo. Isso costuma acontecer porque as necessidades correntes são tamanhas que não sobra nada para poupanças. Poupar para a aposentadoria é uma atividade típica da classe média, porque ela tem mais expectativas em relação a esse período da vida.

Do ponto de vista econômico, qualquer distinção é sem significado, poupança é poupança, não importa que objetivo tenha dado origem a ela. Mas esse é o jeito que as coisas realmente acontecem. As pessoas dividem sua poupança: uma parcela para aposentadoria, outra para educação dos filhos, contabilidade mental.

Elas tratam essas partes de forma diferente e tendem a achar mais fácil poupar para algo

próximo ou mais concreto. Por isso, poupar para a aposentadoria se torna tão difícil afinal, ela é algo que está muito longe. Alguns desses objetivos podem até estimular você a seguir poupando.

Esse é um dos pontos em que a economia comportamental difere da abordagem tradicional. Porque leva em conta a parte irracional dos seres humanos. Por outro lado, as pessoas hoje podem simplesmente se endividar e conseguir empréstimos. O fato de que hoje é mais fácil conseguir crédito inibe a poupança. Nos Estados Unidos, durante as décadas de 50 e 60, havia algo muito comum chamado Christmas Club.

Era uma reunião de pessoas que poupava semanalmente uma pequena quantia com o objetivo definido de comprar presentes de Natal.

Essa forma de poupança foi popular até que o cartão de crédito tomou força. A possibilidade de acesso a crédito reduziu a necessidade de poupança.

Conclusão

Os brasileiros, estão cada vez mais pensando no conforto do presente e se esquecendo do futuro, para eles o futuro e ainda um caminho distante a ser percorrido sem pressa.

No começo da criação nossos antepassados, guardavam o alimento se preocupando com o dia de amanhã, se iriam conseguir uma presa fácil. Os anos foram passando, a vida foi ficando mais fácil, a forma de conseguir alimento também, não dependiam somente da caça, mas também da agricultura. Mas o pensamento no futuro ainda continuava, pois guardavam as sementes para que pudessem planta-las e assim dar continuidade à agricultura.

Com o avanço da tecnologia as pessoas começaram a pensar somente no presente, e a adquirir produtos mais avançados. Pois não dependia somente do papel moeda, mas também dos cartões de crédito e dos financiamentos, e a cada vez mais se atolando em dívidas.

As pessoas não gastavam aquilo que recebiam por mês, sempre além disso, com o dinheiro fácil, tudo era mais fácil, mas quando chegava a hora de pagar, faziam empréstimos, pois o salário não era suficiente.

A oferta de emprego diminuiu, pois exigiam mão-de-obra altamente qualificada, conforme a demanda por novos produtos.

A aquisição de novos produtos, agora dava lugar a necessidade de se investir em estudos, para acompanhar as exigências do mercado de trabalho.

Hoje há pessoas que investem em: Imóveis, saúde, automóvel, empresa própria, lazer (viagens), poupança, e há pessoas que não investem em nada pois a sua renda e utilizada

somente para sobrevivência, porque sua renda é baixa ou está atolado em dívidas.

Hoje um dos investimentos essenciais e o que será utilizado quando a pessoa deixar de trabalhar, pois com aposentadoria a pessoa deixará de usufruir, de vários privilégios, para que, isso continue, existe a necessidade de uma segunda aposentadoria, acumulada ao longo dos anos.

Referências

- Rossetti, José Paschoal. Introdução À Economia. 15ª.ed.São Paulo: Editora Atlas S.A.,Abril de 1991(pg. 676 – 27.4 e 693 – 28.3)

- Rossetti, José Paschoal. Introdução À Economia. 17ª.ed.São Paulo: Editora Atlas S.A., Janeiro de 1997 (pg. 752 – 18.2)

- Revista Você S/A – Outubro de 2002

- Thaler, Richard. Save More Tomorrow. Disponível em:
<http://www.anderson.ucla.edu/faculty/shlomo.benartzi/savemore.htm>

- Jornal Folha de São Paulo. Giannetti, Eduardo.Ovalor de Amanhã. pg. B14, 26/04/06

- Advances in Behavioral finance, editor Russell Sage Doudation 1993 – Richard Thale

Sites:

http://www.econ.fea.usp.br/seminarios/2006_1/giannetti_10_03_2006.pdf

<http://amanha.terra.com.br/edicoes/218/entrevista.asp>

http://www.universiabrasil.net/mit/14/14452/pdf/topic2_VF.pdf